CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INSHADOW – LISBON SCREENDANCE FESTIVAL
3 de dezembro de 2026

WHITE NIGHTS / 1985
(*O Sol da Meia-Noite*)

Um filme de Taylor Hackford

Realização: Taylor Hackford / *Argumento*: James Goldman e Eric Hughes, baseados numa história de James Goldman / *Produção*: William S. Gilmore, Talyor Hackford / *Produção Associada*: Bill Borden / *Música*: Michel Colombier / *Coreografias*: Twyla Tharp / *Direção de Fotografia*: David Watkin / *Montagem*: William e Fredric Steinkamp / *Casting*: Nancy Klopper, Jeremy Zimmermann / *Design de Produção*: Philip Harrison / *Direção Artística*: Richard Dawking, Malcolm Middleton, Austen Spriggs / *Guarda-roupa*: Evangeline Harrison / *Interpretações*: Mikhail Baryshnikov (Nikolai 'Kolya' Rodchenko), Gregory Hines (Raymond Greenwood), Jerzy Skolimowski (Colonel Chaiko), Helen Mirren (Galina Ivanova), Geraldine Page (Anne Wyatt), Isabella Rossellini (Darya Greenwood), John Glover (Wynn Scott), Stefan Gryff (Captain Kirigin), William Hootkins (Chuck Malarek), Shane Rimmer (Ambassador Smith) / *Cópia*: 35 mm, a cores, falado em inglês, russo e francês com legendagem eletrónica em português / *Duração*: 136 minutos / *Estreia Mundial*: 7 de novembro de 1985, Los Angeles, Califórnia / *Estreia Nacional*: 6 de fevereiro de 1986 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

***

"I'm not a hero, I'm just a dancer", a afirmação, em tom de revolta, provém de Mikhail Baryshnikov quando o filme musical sobre esta espécie de "duelo de titãs", entre o bailarino russo, considerado um dos maiores da história, e o versátil ator e sapateador afro-americano, Gregory Hines, já está em modo "*thriller* da Guerra Fria". Como apontou Roger Ebert na sua crítica algo fria ao filme, **White Nights** poderia ter resultado se desse o palco todo, quer dizer, as suas mais de duas horas de duração, aos dois bailarinos: "but that, I suppose, is too much to hope for". Não só o filme não é assim como, pior ainda, chega a virar as costas a esta possibilidade.

O realizador Taylor Hackford, nome que o grande público podia associar ao popularíssimo **An Officer and a Gentleman** (1982), ponto alto do romantismo muito *eighties*, com um dos pares amorosos mais idolatrados da década, composto por Richard Gere e Debra Winger, acaba, enfim, por se entusiasmar por outro género de bailado: o da geopolítica internacional, qual "'pas de deux' entre a CIA e o KGB". Esta imagem dada por Ebert é feliz e resume bem as forças e fraquezas deste filme que, à época, redundou num sucesso considerável no *box-office*, muito à custa de sucessos anteriores de filmes musicais tais como **Flashdance** (1983) e **Fame** (1980). Um sucesso comercial que também se deveu à respetiva banda sonora, recheada de grandes *hits* românticos dos anos 80, da autoria de Phil Collins e do oscarizado Lionel Richie, com *Say You, Say Me* como o tema que sela esta aventura.

A popularidade e o culto em torno de **White Nights**, muito localizado nesses anos algo eufóricos em termos culturais e económicos, pelo menos "a ocidente", também muito ficou a dever à figura de Baryshnikov, naquele que foi o seu papel de maior monta (ia escrever de "maior montra") desde **The Turning Point** (1977), título de Herbert Ross em que o russo contracenou com Anne Bancroft e Shirley McClaine e que lhe valeu a nomeação para o Óscar de Melhor Actor Secundário. A elegância e capacidade atlética deste bailarino deixaram uma marca indelével no

imaginário do público, algo que é retomado, explorado e ampliado neste filme nas sequências em que o espetáculo é o seu corpo em movimento. Um movimento preciso, quase mecânico, de Baryshnikov que contrasta com o sapateado improvisado de Gregory Hines (o ator destacara-se um ano antes em **Cotton Club** de Francis Ford Coppola).

Tudo o que antecede e se segue à expressão do corpo destes bailarinos pertence ao *thriller* mais raso sobre o xadrez que à época se jogava no palco internacional envolvendo os Estados Unidos e a Rússia, em ano de Perestroika. Por um lado, valoriza-se o encontro entre os países, por outro, faz-se a crítica ao regime (ainda) em vigor. Baryshnikov, ou melhor, Nikolai diz-se russo e não soviético, justifica a sua fuga para os Estados Unidos porque aí podia encontrar uma liberdade inexistente no país que o viu nascer, como homem e como bailarino. É num teatro vazio em Kirov que Nikolai veicula o sentimento e substitui as palavras pela ação do corpo frente ao amor da sua vida, uma ex-bailarina que deixou para trás e que é agora uma figura de prosa na política cultural do estado soviético, interpretada pela futura mulher de Taylor Hackford: a britânica Helen Mirren. Para não ferir demasiadas suscetibilidades ou gerar desconforto do lado de lá da cortina, o filme contrapõe este discurso de Baryshnikov com o desencanto da personagem de Hines em relação ao seu próprio país, interpretando numa cena de sapateado, profundamente melancólica, o que foi a sua vida de agruras no Harlem. No meio de tudo isto, está a personagem desprezível, algo repugnante, encarnada pelo célebre realizador polaco Jerzy Skolimowski (**Moonlighting** [1982]). O sinistro Coronel Chaiko é a face de um regime corrompido e à beira do colapso. O seu plano de conversão de Nikolai à causa comunista é tão rocambolesco quanto retorcido, raiando a impraticabilidade, o que confere pouca verosimilhança ao enredo mais *thrillesco*.

A Leninegrado que se mostra neste filme foi recriada no Reino Unido, na Finlândia e em Portugal (a sala do teatro em Kirov corresponde, na realidade, à sala do São Carlos em Lisboa). Uma União Soviética replicada nem sempre de modo convincente (o realizador foi criticado por ter recorrido a imagens de arquivo desatualizadas da cidade russa para situar a ação) que, *hélas!*, combina bem com o enredo complicativo e distrativo do essencial: os corpos dos seus dois bailarinos, em "heroicos" movimentos de dança. Para Adrian Martin, numa crítica recente ao filme assaz positiva, datada de 20 de janeiro de 2023, só por eles e por causa deles se justifica esta (re)descoberta.

Luís Mendonça